

Fernando Molica

Ironia faz esquerda vestir black tie

Ao ironizar o (mau) uso do idioma inglês por Jair Bolsonaro, parte da esquerda mostrou seu elitismo e reforçou uma imagem por ele tantas vezes reiterada. A frase em inglês dita por ele no ato de domingo integra o mesmo pacote do leite condensado com pão no café da manhã e do cachorro-quente numa baraca de Resende (RJ).

É absurdo que um ex-oficial, formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, seja incapaz de ler meia dúzia de palavras em inglês. Isso ajuda a mostrar as deficiências de um ensino que se diz de elite, que adora enfatizar suas supostas qualidades.

Mas, ao ressaltarem essa limitação de Bolsonaro, políticos do PT, Psol e PCdoB parecem se esquecer do óbvio: vítima de uma desigualdade histórica e de falta de acesso à educação, a maioria da população brasileira também não consegue pronunciar palavras em idiomas estrangeiros.

Ao rirem da trapalhada, esses representantes da esquerda indi-

cam um distanciamento da realidade, dão margem para que sejam acusados de não compreenderem o povo que querem representar. Em entrevista publicada na Folha de S.Paulo no último dia 3, a ex-deputada Manuela D'Ávila ressaltou que Bolsonaro não aparece ao lado de garçom servindo vinho tinto e filé, citou que a vida dos parlamentares é muito diferente da dos trabalhadores:

“Vários traços da vida institucional são, diante dos olhos do povo, luxos aos quais a população não pode se dar”, afirmou a ex-parlamentar do PCdoB. Citou que ao criar o episódio do leite condensado, o ex-presidente “passa a ideia de maior proximidade e identidade” com a população.

Não podemos voltar à casa que o então presidente Jânio Quadros espalhava no seu terno e ao sanduíche de mortadela que ele comia na frente dos fotógrafos. Deputados têm bons salários, não precisam esconder seus hábitos: os de esquerda ainda têm o direito de alegar que que-

rem socializar a abundância, e não a pobreza.

Mas, ao ironizarem Bolsonaro por sua ignorância da língua inglesa, permitem que muitos milhões de brasileiros se sintam humilhados — nada pior que a arrogância intelectual, a desvalorização do saber alheio, a hierarquização do conhecimento. Muitas adesões ao bolsonarismo foram alimentadas pelo ressentimento dos que se sentiam discriminados e excluídos por uma elite que desprezava seus valores e concepções de mundo.

No subtítulo do livro “O pobre de direita”, lançado no fim do ano passado pela Civilização Brasileira, o sociólogo Jéssé Souza — um intelectual de esquerda — resumiu um sentimento amargo com a expressão “A vingança dos bastardos”. Em entrevistas, destacou o papel de igrejas evangélicas no resgate da autoestima de pessoas pobres, negras, desprezadas pela sociedade.

A extrema direita surfou nessa revolta, canalizou senti-

mentos e frustrações dos que não frequentam livrarias ou teatros, não estudaram em boas universidades públicas — muita gente adorou quando ministros de Bolsonaro disseram que essas instituições eram reduto de maconheiros e libertinos.

Há quase 70 anos, Gianfrancesco Guarnieri batizou de “Eles não usam black-tie” a peça que escrevera sobre as consequências políticas e familiares de uma greve. O título fazia uma referência óbvia a personagens operários, que não usavam roupas requintadas.

Composta por Adoniran Barbosa, a música-tema — “Nóis não usa os bleque tais” — era direta, e chegava a idealizar aqueles trabalhadores: “O nosso amor é mais gostoso/ Nossa saudade dura mais/ O nosso abraço mais apertado/ Nóis não usa as bleque tais”.

Bolsonaro tratou de vestir a roupa do povo e deve comemorar muito quando a esquerda faz questão de usar smoking.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Cientista diz que rejuvenesceu 15 anos após deixar de comer 3 alimentos. Brasil pode sair ganhando com tarifaço de Trump?

1-EDUARDO PAES LIDERA para o governo do Rio em 2026, diz Paraná Pesquisas. Prefeito tem de 48,9% a 49,9%, dependendo do cenário; para o Senado, Flávio Bolsonaro lidera e Cláudio Castro e Benedita da Silva empatam em 2º. Tarcísio Motta (Psol), Rodolfo Landim (ex-presidente do Flamengo) e Rodrigo Bacelar (União Brasil) empatam tecnicamente em 2º lugar. (...) (Poder360)

2-ROUBO DISPARA EM NITERÓI NO 1º BIMESTRE. Por Lívia Neder. Crimes de subtração do patrimônio que são indicadores estratégicos para orientar as políticas de segurança pública, como roubos de rua, de veículo e de carga, dispararam no primeiro bimestre na cidade, acompanhando uma tendência de alta observada em todo o Estado do Rio. Já a letalidade violenta, outro indicador, apresentou queda nos registros de ocorrência no mesmo período. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), os roubos de rua cresceram 36% no acumulado de janeiro e fevereiro, em comparação ao mesmo período do ano passado, saltando de 190 para 258 casos. Com um crescimento de 100%, os roubos de carga dobraram, um aumento de dois para quatro casos nos dois primeiros meses de 2025, em relação aos dois primeiros meses de 2024. (...) (O Globo)

3-REJUVENESCEU 15 ANOS. Cientista diz que rejuvenesceu 15 anos após deixar de comer 3 alimentos. Por Vitor

Guerras. Uma mudança simples na dieta, rendeu muito mais longevidade para o cientista e médico Eric Verdin, de 68 anos. Ele explicou que o segredo para a longevidade pode ser evitar três alimentos: ultraprocessados, suco de frutas e álcool. Bélgica, Eric afirmou em um artigo publicado na Business Insider, ter reduzido a idade biológica em até 15 anos, tudo graças a mudanças na rotina alimentar. Ele cortou os três tipos de alimentos do cardápio e os efeitos foram positivos. Toda a mudança de hábitos de Eric girou em torno de três alimentos. Entenda cada um deles! Alimentos ultraprocessados: repletos de açúcar, gorduras ruins e aditivos químicos, os ultraprocessados têm comprovação científica dos danos que causam ao corpo. Diversos estudos mostram que eles aumentam o risco de doenças graves, como obesidade, diabetes e problemas cardiovasculares. Suco de frutos: pode parecer surpreendente, mas Eric explicou que evita sucos de frutas, mesmo os naturais. O motivo? Quando a fruta é transformada em suco, ela perde boa parte das fibras e se torna uma bomba de açúcar. Isso pode causar picos de insulina aumentar o risco de diabetes. Álcool: o cientista costumava tomar vinho de maneira regular, mas percebeu que dormia melhor e tinha mais energia ao parar de beber. Agora, ele só consome uma taça de vinho em ocasiões bem especiais. Dieta mediterrânea. O médico é um grande defensor da dieta mediterrânea, considerada uma das

mais saudáveis do mundo. Rica em frutas, vegetais, grãos integrais, nozes, sementes e peixes, essa alimentação é associada a uma vida mais longa. (...) (Só Notícia Boa)

4-BRASIL PODE SAIR GANHANDO COM TARIFAÇO DE TRUMP? Por Mariana Schreiber. O receio de que o Brasil seria um dos alvos principais do tarifaço global do governo de Donald Trump deu lugar a um certo alívio após a Casa Branca colocar o país na menor alíquota extra de importação (10%). A tarifa vai encarecer produtos brasileiros comprados por empresas e consumidores americanos, mas com impacto bem menor do que outras nações, como Índia (26%), Japão (24%) e União Europeia (20%). No caso da China, os produtos serão taxados em até 54%. O tarifaço tem provocado forte queda nas bolsas da Ásia e Europa segunda-feira (7/4). Para o presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), Jorge Viana, eventuais vantagens para o Brasil não compensarão o cenário global pior, com enfraquecimento do multilateralismo. Taxação de outros países pode abrir mercados para Brasil? Apesar de, antes do anúncio do tarifaço, Trump ter citado o Brasil diretamente como um parceiro protecionista, o país ficou no grupo da tarifa extra mínima, de 10%, porque tem um comércio equilibrado com os Estados Unidos. Para uma consultoria, “haverá uma tendência de aproximação do Brasil também com

o Sudeste Asiático, Japão e Europa, aumentando a corrente de comércio com esses países”. Além disso, há perspectiva de que alguns exportadores brasileiros possam ter ganho de mercado nos EUA, por causa das tarifas maiores impostas a outros países. No caso do café, por exemplo, embora o produto brasileiro passe a ser taxado em 10%, outros fornecedores sofrerão tarifas ainda maiores, como Suíça (31%) e Vietnã (46%). Segundo a agência de notícias Reuters, um porta-voz do bloco europeu disse que o acordo com o Mercosul seria uma “grande oportunidade” no novo contexto de incertezas geradas pelo tarifaço de Trump. O acordo prevê a redução de tarifas de importação. O acordo vai alavancar alguns setores brasileiros (principalmente o agronegócio) e pode prejudicar outros, mas há uma visão otimista sobre o saldo desse impacto para o crescimento do país. (...) (BBC News Brasil)

5-IMPOSTO DE TRUMP PARA ILHA DE PINGUINS. Governo Trump explica por que impôs tarifas a ilhas habitadas apenas por pinguins. A justificativa oficial foi evitar que países utilizem essas áreas para simular exportações e driblar barreiras comerciais impostas anteriormente. (...) (Brasil247)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

Uma vitória chamada de Arlette Torres

Impossível assistir o mais novo e rico trabalho do cinema brasileiro e não falar, e refletir, sobre uma atriz de talento inigualável, que não é apenas uma intérprete de excelência, mas sim uma instituição cultural, um símbolo da resistência, da inteligência e da beleza da arte do nosso país. Sua importância é imensurável! Naquela quarta-feira, 16 de outubro de 1929, no Rio de Janeiro, nascia Arlette Pinheiro Monteiro Torres, que viria se tornar a maior atriz que o Brasil já viu, como Fernanda Montenegro.

Em um breve levantamento, podemos destacar vários episódios de sua vida na arte: foi a primeira atriz latino-americana a ser indicada ao Oscar de Melhor Atriz, por sua inesquecível performance em Central do Brasil (1998); nos palcos, brilhou em montagens antológicas como Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues, sob direção de Ziembinski; e A Senhora das Camélias; na televisão, foi a matriarca, a vilã, a heroína, a sábia... Personagens como a inesquecível Ruth, de Rainha da Sucata, ou a espirituosa Dona Picucha, de Doce de Mãe.

Poucos nomes no Brasil conseguem transcender o tempo, os gêneros artísticos e as gerações com a grandiosidade de Fernanda Montenegro. E va-

mos direto ao ponto, se o nosso país se mobilizou, torceu e vibrou com a conquista de sua filha, Fernanda Torres, com o “Ainda Estou Aqui”, temos muito que esperar que teremos agora outra Fernanda, mas a primeira e única, representando, novamente, o nosso país, nas premiações internacionais. É impossível não se emocionar com “Vitória”, mas vamos além do enredo e da história, vamos falar sobre a brilhante atuação de uma senhora que tem nada menos do que 95 anos de idade. Quase um século de vida e dar ‘vida’ a uma personagem de forma ímpar como Fernanda Montenegro fez neste mais recente trabalho dramaturgicamente, vai ser muito difícil outras gerações serem provas como nós estamos sendo e devemos receber isso como um troféu, uma verdadeira vitória.

Sua jornada é uma aula contínua de profissionalismo, ética e paixão pela arte. Seu legado é eterno porque ultrapassa o feito artístico: ele inspira. Inspira atrizes e atores iniciantes. Inspira autores, diretores, plateias. Inspira todo o Brasil a acreditar em sua cultura como um bem maior. Fernanda Montenegro é, e sempre será, um farol a iluminar o melhor que a arte tem a oferecer. Um orgulho nacional, a grande dama da dramaturgia brasileira.

Brasília, cidade do Rap

Entre os anos 1990 e início dos anos 2000, o rap de Brasília começou a ecoar das ruas de Ceilândia, Planaltina e São Sebastião com a força de quem nunca teve voz nos corredores do Congresso. Na “Cidade do Rock”, por muito tempo, quem falou foram os filhos de funcionários públicos que compunham bandas como Legião Urbana, Capital Inicial, Raimundos ou Plebe Rude. Antes, quem cantava, morava no Plano Piloto. Porém, quem passou a falar, vinha das antigas “cidades satélite”.

Grupos como Câmbio Negro, Cirurgia Moral e Álibi transformaram batidas em denúncias, rimando sobre desigualdade, abandono e violência nas periferias do Distrito Federal. DJ Jamaika, que começou no grupo Álibi ao lado do irmão Kabala e ganhou projeção nacional com “Tô Só Observando”, foi um dos pilares dessa geração. Já o Cirurgia Moral, liderado por Rei, levou ao vinil o disco Cérebro Assassino, em 1994, dando voz a um cotidiano que a Brasília oficial fazia questão de ignorar. “Farofino” jamais tocaria na “Rádio Senado”, mas era hit em todos os sons automatizados das regiões administrativas.

Naquela época, o rap não era trilha sonora de vitórias pessoais — era grito coletivo.

“De Que Vale o Crime (Neguinho da Favela)”, do Atitude Feminina, trazia um João de Santo Cristo diferente, que nasceu no DF e precisava lidar com a realidade de um morador de São Sebastião. Não foram apenas músicas: foram retratos da vida em cidades como Samambaia, Estrutural e Sol Nascente, onde o asfalto era privilégio e sombra de árvore, utopia.

Hoje, o cenário é outro. Os grupos do rap do DF e entorno, como Tribo da Periferia e Hungria, ainda dominam as plataformas, mas com uma pegada diferente. As letras falam de superação individual, de romances, de conquistas materiais. O grito contra o Estado virou desabafo sobre a vida. Não se trata de dizer que o novo é pior — é apenas outra leitura da mesma realidade. Em vez de denunciar a ausência de oportunidades, os versos tentam mostrar como driblâ-las. Onde o “Cirurgia Moral” falava de luta, Hungria fala de fé. Onde DJ Jamaika escancarou o abandono, Tribo da Periferia embala sonhos de fuga.

Brasília mudou, seus artistas também. Mas a cidade ainda pulsa entre extremos. E mesmo quando não há mais dedo em riste, há sempre alguém rimando por sobrevivência.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ITÁLIA ITERROMPE NEGOCIAÇÕES NA CONFERÊNCIA NAVAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de abril de 1930 foram: Chefe da delegação italiana não aceita os acordos das demarca-

ções relativas à fórmula de segurança e ameaça a Conferência Naval. EUA pode refazer tarifas aduaneiras. Antonio Carlos envia telegrama ao

Ministério da Justiça e narra os fatos violentos em Minas Gerais. Forças legais ocupam o povoado de Tavares, na Paraíba.

HÁ 75 ANOS: ESTUDANTES VÃO NA UDN PRESSIONAR PELO BRIGADEIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de abril de 1950 foram: Bélgica entra em colapso político com a falta de nomes para

fazer uma nova equipe ministerial. Conselho da ONU aprova projeto para internacionalizar a área de Jerusalém. Estudantes vão na sede

da UDN reivindicar que o partido lance o brigadeiro Eduardo Gomes para a presidência. PSD parece um partido sem comandante.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rodolfo Lago (editor) e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.